



## **CAATINGA: UM POUCO DA HISTÓRIA DO BIOMA EXCLUSIVAMENTE BRASILEIRO**

**Bárbara Dayanne Bezerra Tavares**  
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE ALAGOAS (UNEAL)  
barbaratavares10@hotmail.com

**PALAVRAS-CHAVE:** caatinga. história. degradação.

### **INTRODUÇÃO**

O conceito de bioma é definido pela interação existente e permanente entre fatores bióticos e abióticos, de forma que cada vegetação possui um clímax específico, com características próprias (LIMA-E-SILVA et al., 2002 apud ABÍLIO; GOMES; SANTANA 2010). Essas características é o que define cada bioma e o particulariza.

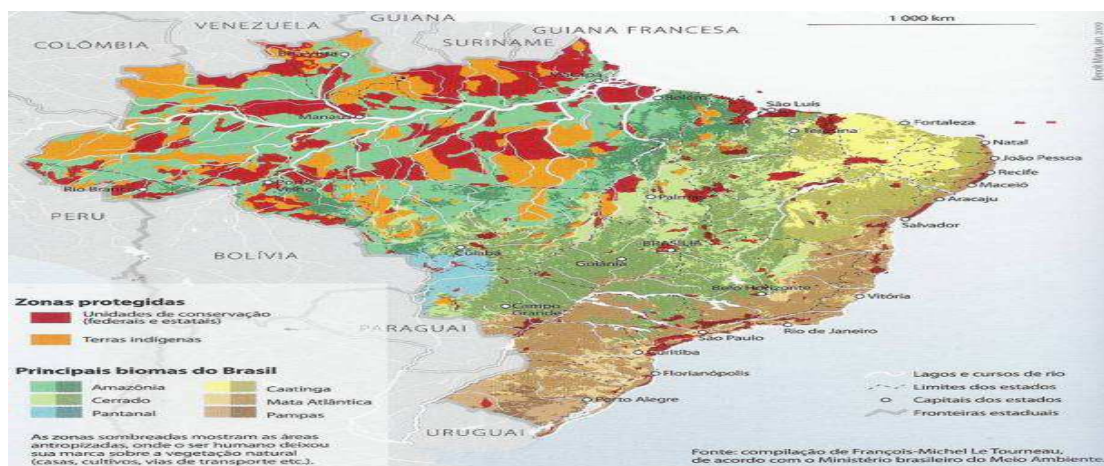
O bioma Caatinga, conforme Leal et al (2005) é “um mosaico de arbustos espinhosos e florestas sazonalmente secas”. Essa definição confirma o significado do nome em tupi-guarani: mata branca, porque durante a estação seca ocorre a queda das folhas e ficam somente os troncos com tons variantes entre o branco e o cinza (PRADO, 2005). Esse bioma está localizado em uma região de clima semiárido e, aparentemente com condições desfavoráveis, apresenta uma grande riqueza biológica, fazendo com que a relação existente entre os fatores vivos e não vivos se tornem única no planeta (ABÍLIO; GOMES; SANTANA, 2010).

A Caatinga é um bioma muito frágil e os danos impostos a ela podem ser irreversíveis, devido às condições climáticas e também pelo uso insustentável dos seus recursos, causado pela degradação que ocorre por causa das queimadas, da caça e do desmatamento, que tem sido um fator preocupante, pela dificuldade que este bioma tem de se recuperar (CAVALCANTE; NASCIMENTO, 2006; FRANCO, 2008; LUCAS; NÓBREGA; MEDEIROS, 2011). O crescimento populacional e conseqüente aumento da densidade demográfica, também, contribuem para a exploração dos recursos naturais além do que o bioma é capaz de fornecer (ABÍLIO; FLORENTINO, 2010). Conforme Franco (2008, p. 20): “o Bioma Caatinga é o mais negligenciado dos biomas brasileiros, nos mais diversos aspectos,

este patrimônio nordestino encontra-se ameaçado devido às centenas de anos de uso inadequado e insustentável dos solos e recursos naturais”.

São conhecidas cerca de 1,5 mil espécies vegetais na Caatinga, mas acredita-se que esse número possa ser o dobro. Muitas destas já se encontram ameaçadas de desaparecer da composição do Bioma, como exemplos das espécies vegetais citamos: baraúna, jaborandi, aroeirae, como espécies animais: preás, macacos, ararinha azul, além de répteis, anfíbios, peixes e insetos, diz Marcos Antônio Drummond, pesquisador da Embrapa Semiárido (SCHOBER, 2002). Mas a Caatinga poderá deixar de apresentar espécies vegetais e animais exclusivas, porque as ações antrópicas sofridas por ela são resultados de processos antigos, realizados permanentemente, o que perturba uma relação ecológica baseada na conservação, possibilitando a degradação e/ou destruição de grande área brasileira, Figura 1 (VASCONCELLOS e SOBRINHO, 1971 apud FRANCO, 2008).

Figura 1 - Principais biomas brasileiros.



Fonte - <http://revistaescola.abril.com.br/geografia/pratica-pedagogica/biomas-brasileiros-desafio-conservacao-574162.shtml>.

Esse antropismo foi iniciado desde o período colonial, com o avanço do litoral para o interior através da procura por ouro e pedras preciosas, com o regime de sesmarias e com o sistema de capitanias hereditárias, buscando uma expansão econômica (ANDRADE-LIMA, 1981; ARRUDA, 2001 apud CONSELHO NACIONAL DA RESERVA DA BIOSFERA DA CAATINGA, 2012).

Nas primeiras décadas do século XVI, os portugueses ainda preferiam o comércio oriental, iniciando o extrativismo em território brasileiro, através das retiradas das toras de pau-brasil que eram trazidas pelos índios ao litoral para seguirem para Portugal. A possível invasão francesa levou os portugueses a efetuar mais um ato de degradação do bioma: a

divisão da colônia em 15 faixas de terra, o que juntas integraram um novo sistema, o das capitâneas hereditárias, onde cada capitão donatário não poderia realizar a venda das terras oferecidas (Carta de Doação), mas poderia fundar vilas, doar sesmarias (lotes de terra não cultivados), exercer funções judiciárias e militares, cobrar tributos e realizar a escravização de um número fixo de indígenas, sendo que ele poderia ter uma parte dos lucros, desde que isso não ferisse os direitos de arrecadação da Coroa Portuguesa (SOUSA, 2012). Dessa forma, o desenvolvimento econômico interno gerou riquezas para Portugal, mas avançou ainda mais na destruição da mata branca, já que era necessário a derrubada para construção de moradias e cultivos.

O sistema não vingou o que levou ao início de um novo ciclo, o da cana-de-açúcar, invadindo ainda mais o território nacional em direção ao interior. Segundo Rubega e Pacheco (2000), “a fácil comercialização do açúcar na Europa e a facilidade de adaptação da cana [...] conferiam a esse produto um elevado valor de troca no mercado europeu”. De acordo com Coelho Neto e Estrela (2009), a produção açucareira ocupou um lugar central durante a colonização do Brasil, pois estruturou relações de produção, de trabalho e um modo particular de vida, bem como adquiriu novo impulso com o Proálcool, implantado no país durante a ditadura militar, mas com a ascensão da atividade açucareira ocorreu o detrimento do bioma com um custo ambiental muito grande.

Hoje não é mais visível esse bioma como “mata, floresta”. Estima-se que cerca de 60 a 70% da sua formação original já foi modificada (ANDRADE-LIMA, 1981; TABARELLI et al., 2000; ARRUDA, 2001 apud CONSELHO NACIONAL DA RESERVA DA BIOSFERA DA CAATINGA, 2012). As florestas de porte mais robusto foram largamente destruídas (COIMBRA-FILHO; CÂMARA, 1996 apud LEAL et al, 2005). Hoje em dia, a caatinga arbórea é rara, esparsa e fragmentada (PRADO, 2003 apud LEAL et al, 2005), localizada em áreas onde o solo é rico em nutrientes. E é por essa diversidade entre tamanhos e tipos de espécies que ainda se discute a origem da vegetação da Caatinga ao longo de muitos anos, mas alguns estudos sugerem que “a Caatinga é parte de uma floresta tropical seca sazonal que ocupou grandes áreas da América do Sul em períodos mais secos e frios durante o Pleistoceno” (PENNINGTON et al., 2000, 2004 apud LEAL et al, 2005).

No período colonial, a vegetação foi devastada pela ambição portuguesa, logo depois a população local continuou a degradação desenfreada também em busca do uso para fins de subsistência e lucratividade. Associados a estes dois fatores, está à carência de estudo sobre o

bioma, bem como a falta de investimentos na região (SILVA et al., 2004 apud LEAL et al, 2005).

Preservar e estudar a diversidade biológica da caatinga é um grande desafio por diversas causas, a primeira é o fato de este bioma pertencer apenas ao território brasileiro, não despertando a preocupação de outros países, outro motivo é o fato deste bioma ser o menos estudado entre os biomas brasileiros, e também o menos conservado, tendo apenas 2% da sua área destinada a áreas de conservação e por último o extenso processo de alteração e deterioração pela exploração dos recursos naturais, provocando desaparecimento de espécies únicas, e intensificando o processo de desertificação (LEAL et al, 2005).

A extensão dessa negligência é evidente quando são examinados os investimentos em pesquisas sobre biodiversidade e conservação nesse bioma. Segundo o Ministério do Meio Ambiente (MMA), de 1985 a 1996 foram investidos aproximadamente 135 milhões de dólares para financiar 2.439 projetos de biodiversidade em todo país. Desse montante, somente 4% foi destinado à Caatinga (MMA, 1999 apud LEAL et al, 2005).

Desse modo, faz-se necessário entender como se deu o processo de degradação do Bioma Caatinga, desde o período colonial até os dias de hoje, de modo que possa permitir uma melhor sensibilização para tentar amenizar os problemas que essa vegetação vem enfrentando, sejam eles de ordem sócio-cultural ou econômica, no que tange sobre os escassos investimentos realizados no campo científico e em unidades de conservação.

## **METODOLOGIA**

Trata-se de uma de revisão de literatura, em que foi utilizada uma obra bibliográfica e artigos de revistas encontrados através de pesquisas nas bases de dados do Scielo e Google Acadêmico. A delimitação do período de busca foi do ano de 2000 a 2012. Essa pesquisa foi feita empregando as expressões: “histórico do bioma caatinga” e “degradação da Caatinga”, a partir disso, com enfoque nos títulos dos artigos, selecionaram-se os trabalhos que pudessem ser relevantes para a construção do estudo.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

De acordo com o que foi discutido neste trabalho, a caatinga vem sofrendo ações antrópicas desde o período de colonização até os dias atuais, seja pela utilização insustentável de seus recursos naturais ou pela falta de investimento, sendo assim fica evidente o descuido

como o Bioma que é exclusivamente brasileiro, que ao contrário, por ser somente nosso deveria, ser o mais preservado e conservado ou pelo menos tratado com equidade em relação aos outros existentes, pela importância econômica regional, mas principalmente pela defesa e proteção das espécies presentes, incluindo nós mesmos.

## REFERÊNCIAS

ABÍLIO, F. J. P.; FLORENTINO, H. da S. Impactos Ambientais na Caatinga. In: ABÍLIO, F. J. P. (Org.). **Bioma Caatinga: ecologia, biodiversidade, educação ambiental, e práticas pedagógicas**. João Pessoa: Editora Universitária – UFPB, 2010.

ABÍLIO, F. J. P.; GOMES, C. S.; SANTANA, A. C. DIAS de. Bioma Caatinga: caracterização e aspectos gerais. In: ABÍLIO, F. J. P. (Org.). **Bioma Caatinga: ecologia, biodiversidade, educação ambiental, e práticas pedagógicas**. João Pessoa: Editora Universitária - UFPB, 2010.

COELHO NETO, A. S.; ESTRELA, E. S. A caatinga para o canavial. **Estudos Avançados**, vol. 23, nº. 65. São Paulo. 2009.

CONSELHO NACIONAL DA RESERVA DA BIOSFERA DA CAATINGA. **O bioma da Caatinga**. Disponível em: [http://www.biosferadacaatinga.org.br/o\\_bioma\\_caatinga.php](http://www.biosferadacaatinga.org.br/o_bioma_caatinga.php). Acesso em: 06 fev. 2012.

FRANCO, E. S. O Bioma Caatinga. In: **Os discursos e contra-discursos sobre a algarobeira (Prosopissp) no cariri paraibano**. Campina Grande, 2008, p. 21.

LEAL, I. R. et al. Mudando o curso da conservação da biodiversidade na Caatinga do Nordeste do Brasil. **Megadiversidade**, vol. 1, nº. 1, julho, 2005.

PRADO, D. E. As Caatingas da América do Sul. In: LEAL, I. R.; TABARELLI, M.; SILVA, J. M. C. (Ed.). **Ecologia e Conservação da Caatinga**. 2 ed., Recife: Editora Universitária/UFPE, 2005, p. 3-73.

Biomias brasileiros: Parte 8 - Desafios da conservação II. **Nova Escola**. Disponível em: <http://revistaescola.abril.com.br/geografia/pratica-pedagogica/biomias-brasileiros-desafio-conservacao-574162.shtml>. Acesso em: 06 fev. 2012.

RUBEGA, C. C.; PACHECO, D. A. formação da mão-de-obra para a Indústria química: uma retrospectiva histórica. **Ciência & Educação**, v. 6, n. 2, p. 151-166, 2000.

SCHOBBER, J. Caatinga: Preservação e uso racional do único bioma exclusivamente nacional. **Ciência e Cultura**, vol.54, nº. 2, São Paulo, Out./Dez. 2002.

SOUSA, R. **Capitanias Hereditárias**. Disponível em: <http://www.brasilecola.com/historiab/capitanias-hereditarias.htm>. Acesso em: 05 fev. 2012.